

FOTOGRAFAR... BORRAR... MOVER... ONDE ESTÁ A CRIANÇA NA INFÂNCIA?

Rosemari Formento Bonickoski¹

Diana Sueli Vasselai Simão²

Gicele Maria Cervi³

Resumo: Este artigo desliza por um ensaio de escrita que dança, um aventurar-se na incerteza do olhar, mexendo com o pensamento e desconstruindo rotas. São por essas trilhas que essa pesquisa cartografa vivências de crianças em duas Instituições de Educação Infantil de Blumenau, SC. A partir de fotografias roubadas dos movimentos das crianças, o mapa foi sendo construído. O adulto experimenta nos *flashes* (des)capturar a imagem, ficar invisível, entrar nas trilhas, pegar pistas de um devir-criança, em meio a uma infância institucionalizada, que escapa ao olhar. O andamento dessa proposta tem como desafio pensar outros movimentos, sem estabelecer uma ordem ou uma posição, para brincar-se com as imagens. Para tanto veste-se um mapa-território e ao mesmo tempo que se o habita, despe-se e se desterritorializa. Esta escrita vai se desenhando junto com a experiência no evento “Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e...”, deixando-se afetar e atravessar pelo vivido. E é com alguns autores (Deleuze, Lins, Guattari e Rolnik, Godoy) que se aventura por essas trilhas.

Palavras-chave: Criança; imagem; infância.

Abstract: This article slides through a dancing writing essay, an adventure into the uncertainty of the gaze moving the thoughts and deconstructing routes. It is through these trails that this research cartographs children's experiences in two Institutions of Early Childhood Education in Blumenau, SC. From photographs stolen from the children's movements, the map was being built. In these *flashes* the adult experiences to (un)capture the image, to remain invisible, to enter the trails, to pick up clues of the becoming-child, amidst an institutionalized childhood, that escapes the look. The progress of this proposal has the challenge of to think other movements, without establishing an order or a position, to play with the images. For this purpose, a map-territory is worn and at the same time it is inhabited, divested and de-territorialized. This writing is being drawn together with the experience in the event "Seminário Conexões: Deleuze and Cosmopolitics and Radical Ecologies and New Earth and...", letting it be affected and crossed through by the lived experience. And it is with some authors (Deleuze, Lins, Guattari and Rolnik, Godoy) who one adventure itself through these tracks.

Keywords: Child; image; childhood.

¹ Universidade Regional de Blumenau – FURB. Grupo de Pesquisa, Políticas de Educação na Contemporaneidade. Coordenadora Pedagógica no Centro de Educação Infantil Emília Piske em Blumenau – SC. Orientadora Prof^a Dr^a Gicele Maria Cervi. Graduada em Pedagogia e mestra em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. E-mail: rbonickoski@yahoo.com.br.

² Universidade Regional de Blumenau – FURB. Grupo de Pesquisa, Políticas de Educação na Contemporaneidade. Coordenadora Pedagógica no Centro de Educação Infantil Hilca Piazeria Schnaider em Blumenau – SC. Graduada em Pedagogia e mestra em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. E-mail: dsvsimao@gmail.com.

³ Universidade Regional de Blumenau – FURB. Professora do quadro da Universidade Regional de Blumenau. Professora do Mestrado em Educação – PPGE/FURB. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Políticas de Educação na Contemporaneidade. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí, mestra em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau e doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: gicele.cervi@gmail.com.

Esse é o desejo, a vontade inicial...

Uma escrita que se remexe e se aventura para falar de uma experiência aberta ao sensível, ao que pode vir e que tenta se misturar e se perder com a criança e a correr o risco de passar pelo inesperado. Experiência: fotografar e revelar e maquinar e imprimir e estampar e gravar e costurar e produzir... Como tirar do quadro a quadro a imagem e desfocar e borrar e manchar e mover e procurar pistas...? O rolo partiu, o filme queimou, a luz ascendeu... E agora, José?

Agora, brincando de gente grande, queremos apagar as rotas e olhar as pistas das crianças em meio a uma maquinaria de infância. Pistas, elementos invisíveis que têm seu mundo microscópico acontecendo e uma intensidade de vida e um aventurar-se. Nossa intenção, então, é entrar em trilhas, pegar pistas de crianças que habitam um espaço institucionalizado de educação infantil, pistas do que escapa ao olhar, pistas que fazem a pedagogia gaguejar, desfazem os sujeitos e objetos no anonimato infinito de um devir-criança.

A obra gaguejante de Biely, Kotik Letaiev, lançada num devir-criança que não é eu, mas cosmos, explosão de mundo: uma infância que não é a minha, que não é uma recordação, mas um bloco, um fragmento anônimo, infinito, um devir sempre contemporâneo. (DELEUZE, 1997, p. 129)

Como um bloco em movimento, numa ventania: vulto e suspiro e experimentações e brincadeira com imagens que des(capturam) e tremem. Um sussurro que trama uma escapada como pegar essa imagem sem capturar a vida pulsante deste momento. Uma fala que ecoa e em busca dela vamos correr e correm muito. Não há parada, mas a correria de novo e de novo. Não há estrada, mas alguns atalhos que são bem longos.



Imagem 1 – Construída pelas autoras⁴

⁴ Essas imagens fazem parte do texto, elas são o texto. Foram roubadas pelo flash da máquina, num movimento de escapadas, segredos, invenções.

Naquilo que as crianças capturam, a sombra balança neste vai e vem de corpo em manobras que parecem colocar em dúvida a física. Os esconderijos estão junto ao desejo de ser encontrado, o sujar sem preocupar-se está junto ao despir-se desta nova pele. Nojo? Aversão? Preocupação? Nada disto se encontra no vocabulário dessas crianças.

Nesta proposta de imagens (de corpos, de vida, de incertezas), é preciso despir-se desse corpo-professor, marcado e capturado por uma função pedagógica. Corpo-professor que difere do corpo-criança, que, ao se lambuzar com lama, cria uma segunda ou nova pele ao incorporar a lama e nisso experimentar uma possibilidade de viver, na textura, uma invenção que se alimenta do inesperado. Corpo-criança que, no processo de viver aquele momento, experimenta com os mais diferentes fluxos e viaja e na viagem transvaloriza o que experimenta.

O devir-criança é forma que se move no meio das coisas, sem origens nem fim, nem substância nem moral, nem circunscrição nem condenação, mas desterritorialização que abre para além das formas determinadas ou leituras canônicas que louvam a imitação e o começo, sem levar em conta a transvalorização vivida pela viagem ou travesseira da produção – oposto da reprodução, da representação. (LINS, 2012, p. 93)

Todavia, sendo um corpo-professor, como romper com o equilíbrio, com o cristalizado, como entrar pelo meio e se deixar arrastar pelo devir-criança? Como pegar pistas das crianças sem esculpi-las, moldá-las ou nelas colocar setas? Pegadas molhadas na terra poderiam indicar um caminho, porém, nesta proposta, elas são pistas de uma arte de criança, aquela dita “espoleta”, que às escondidas rompe com o cerco e faz o que sabe fazer melhor: brincar de ser criança, reinventando territórios.

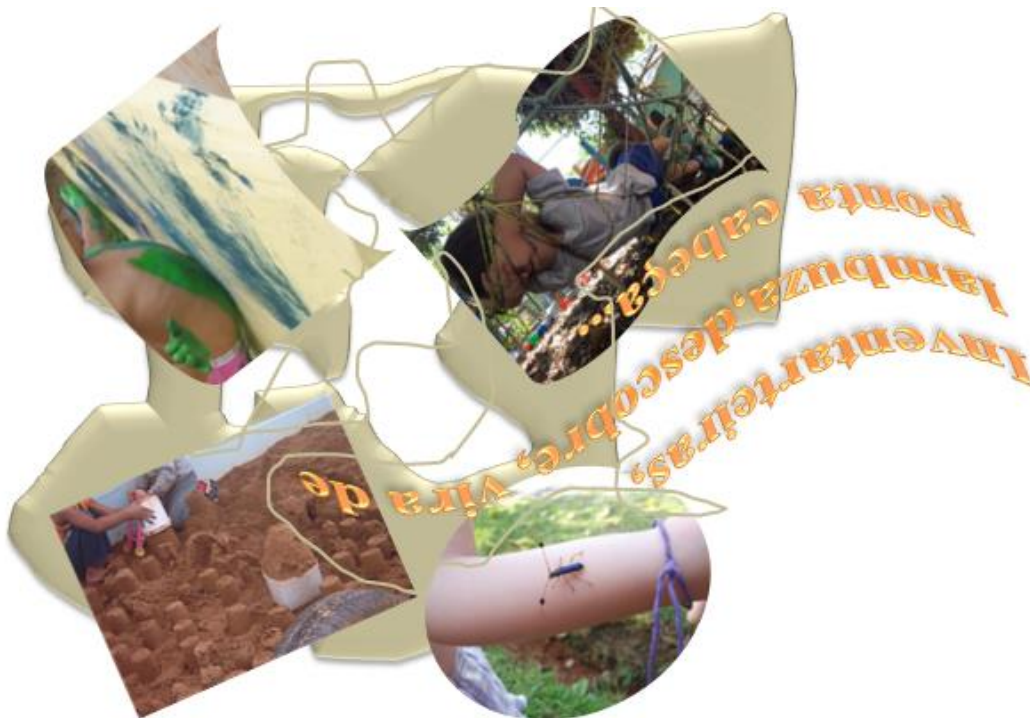


Imagem 2 – Construída pelas autoras⁵

⁵ Como fotografar sem ser percebido, brincar com o tempo, encontrar a criança na infância.

As imagens falam do olhar de uma criança que flagra outras crianças que deslizam pelos espaços e experimentam: numa a tinta estampa o corpo inteiro; noutra uma escapada com um balde com terra pode virar cidade, morro, plantação; em uma terceira as cordas viram redes; ou ainda vê-se uma cujo corpo dá possibilidade de habitar seres imaginários.

Desterritorialização e reterritorialização: a criação e o abandono de territórios. O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Rodopiar pelo território e não habitar nenhum: correria de criança, cantarolando canção nenhuma; chorar sem ter que explicar descer a escada de ré só para experimentar, perguntar o que tiver vontade, brincar com água só para se molhar, sentir o vento, pular na poça até não ter mais água, tudo isso às cegas até um adulto chamar. Essa criança fala do caos:

Nada mais do que o caos em velocidade lenta. O caos é a presença do transitório, da matéria não formada, ausência de um mínimo tempo necessário para fazer nascer um código. A terra, o território é o ponto em que a matéria nasce onde a forma emerge, em que os códigos se definem e explicam seus meios. O cosmo seria, pois, a outra forma do caos. (...) o cosmos é justamente o que Deleuze chamava o espaço intensivo, ali onde tem apenas velocidades e densidades. (LINS, 2012, p. 45).

Nas pistas das crianças, faltam códigos (ou eles sobram), um instante sem medo, um choramingo de ideias, um chinelo sem pé, um grito sem boca, uma imagem desfocada que sai do trajeto de uma infância e bagunça a máquina: onde está a criança na infância? Pensamentos que dançam, tentam inventar sem capturar, sonham com criaturas rastejantes que ao piscar pegam as imagens que se misturam. Como encontrar pistas desta criança que habita a infância a partir destas fotos? Como ser arrastado pela potência de criança dessas imagens sem capturá-las em um discurso de professor, em um olhar de adulto?



Imagem 3 – Construídas pelas autoras⁶

Nas imagens pistas de gestos de desterritorialização: um sapato que vira panela, uma caixa que possibilita ficar sozinho, um chinelo que não é meu, um impulso para escalar e as escavações continuam. Muitas são as experiências, as quais se dão nas singularidades da criança, longe do coletivo homogêneo da infância. Há outras distâncias:.. A cada fotografia a distância do adulto se faz necessária para que uma voz de comando, uma norma, não sobrecodifique a singularidade do momento, capturando-a em uma linguagem ou gesto territorializados. As crianças inventam e destroem suas invenções com muita rapidez: para o adulto, arte efêmera⁷; para a criança, brincadeira.

O que vai caracterizar um processo de singularização (que, durante certa época, eu chamei de “experiência de um grupo sujeito”), é que ele seja automodelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles

⁶ Ao construir estas imagens muitas possibilidades se mostravam, a criança dando pistas de aventurar-se, de querer ficar só, de sair do mundo do adulto.

⁷ Arte efêmera é um conceito curatorial utilizado para denominar instalações, happenings e performances que não têm pretensão de ser perenes e se opõem às formas mais tradicionais da arte, como a pintura ou a escultura. ARTE Efêmera. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018.

passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação e permitir preservar exatamente esse caráter de autonomia tão importante. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 46).

No olhar das crianças pistas de uma singularização, que não se reduz à homogeneização produzida pela infância. Um olhar, também, singular que acontece na “experiência”, a qual pensamos a partir de Larrosa (2014): “A experiência é o que *nos* passa, o que *nos* acontece, o que *nos* toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (LARROSA, 2014, p. 18, grifos nossos). As experiências como vivências singulares e não como experimentos (científicos, programados, controlados, direcionados e generalizáveis).

Os blocos de imagens ao longo do texto são mapas, não roteiros, indicam movimentos, potências, devir-criança, que é sempre possibilidades de múltiplos trajetos. A produção destes mapas se deu no caminhar, quando a criança se deslocava do roteiro para a trilha: uma escapada da criança provocava o adulto a pegar pistas para um atalho, do roteiro para a trilha.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30).

Também nos desafiamos a construir, com as imagens, um mapa em forma de roupa, um mapa para ser vestido. Inspiramo-nos no artista Arthur Bispo do Rosário⁸ e em Lygia Clark⁹ para produzir dois macacões, “mapa-macacões” que se conectam. E neles as imagens estão dispostas de modo que, para serem vistas, demandam que as pessoas entrem em conexão conosco e com o mapa e com a experiência (de um devir-criança). Esse mapa-macacão, ao ser aberto, possibilita uma experimentação e um suspiro e sons e cheiros e texturas: imagens que potencializam um desejo de experimentar outros devires. E aqui imagem é “arranjo de forças/composto de sensações” (GODOY, 2013, p. 217). Neste território em que experimentamos (e em que somos experimentadas) há elementos reais e imaginários (que devêm das imagens). A potência da imagem fala e grita e chora e assombra; ela incomoda. A aventura da imagem em movimento como um ruído, não se fazer notar, mas deslizar. Neste desafio de pensar outros movimentos que não se estabeleçam em uma ordem, em uma posição, eis que

⁸ Arthur Bispo do Rosário (Japaratinga, Sergipe, 1911 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989). Artista visual. Em 1925, muda-se para o Rio de Janeiro, onde trabalha na Marinha Brasileira e na companhia de eletricidade Light. Em 1938, após um delírio místico, apresenta-se a um mosteiro que o envia para o Hospital dos Alienados na Praia Vermelha. Diagnosticado como esquizofrênico-paranóico, é internado na Colônia Juliano Moreira, no bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Entre 1940 e 1960, alterna os momentos no hospício e períodos em que exerce alguns ofícios em residências cariocas. No começo da década de 1960, trabalha na Clínica Pediátrica Amiu, onde vive em um quatinho no sótão. Ali, inicia seus trabalhos, realizando com materiais rudimentares diversas miniaturas, como de navios de guerra ou automóveis, e vários bordados. Em 1964, regressa à Colônia, onde permanece até a sua morte. Cria por volta de 1.000 peças com objetos do cotidiano, como roupas e lençóis bordados. ARTHUR Bispo do Rosário. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018.

⁹ Lygia Clark trabalha com instalações e body art. Em 1954, incorpora como elemento plástico a moldura em suas obras como, por exemplo, em Composição nº 5. Suas pesquisas voltam-se para a “linha orgânica”, que aparece na junção entre dois planos, como a que fica entre a tela e a moldura.(...) artista é de propositos ou canalizador de experiências. Por exemplo, em Luvas Sensoriais (1968) dá-se a redescoberta do tato por meio de bolas de diferentes tamanhos, pesos e texturas e em O Eu e o Tu: Série Roupa-Corpo-Roupa (1967) um casal veste roupas confeccionadas pela artista, cujo forro comporta materiais diversos. LYGIA Clark. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018.

ensaiamos brincar com as imagens, habitar o território, vestirmo-nos com ele e, ao mesmo tempo em que o habitamos, dele despirmo-nos e nos desterritorializarmos.



Uma indumentária que se movimenta e, junto às imediações aberrantes, possibilita viver uma experiência. Assim, esta escrita se desenha junto ao evento “Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e...”; deixa-se afetar e atravessar pelo vivido. Um ensaio de escrita, que provoca a experimentar algo do processo com o inesperado, uma costura com as imagens das crianças, com seu olhar diferenciador e sem rota. Assim, tanto na experiência com o mapa-macacão, quanto na composição deste texto – que busca expor algo da experiência com o mapa-macacão –, queremos menos indicar um conteúdo, uma informação, uma “enformação”, uma interpretação do mundo, do que expressar um *modo de olhar outro*, um modo de *pensar outro*, um modo de *ser outro*. E isto trazendo a processualidade que nos moveu: uma criança, um corpo-criança, uma potência de criança; crianças que, brincando de fotografar, geram uma força capaz de arrastar o olhar, o pensamento, a vida de um adulto, de arrastar um corpo-professor a uma nova terra e a um modo nômade de habitá-la. Uma brincadeira de mexer com outros materiais e outros tempos na necessidade de criar e de sacudir o pensamento, tentando sair da rigidez e apostando na multiplicidade da vida e dos encontros.

Referências

ARTHUR Bispo do Rosário. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-ros%C3%A1rio>>. Acesso em: 12 de Jan. 2018.

ARTE efêmera. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo343/arte-efemera>>. Acesso em: 12 de Jan. 2018.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GODOY, Ana. Mídia, Imagens, Espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao (Org.). *Grafias do espaço: imagens na educação geográfica contemporânea*. Campinas: Alínea, 2013. p. 209-222.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi, 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LINS, Daniel. *Estética como Acontecimento. O corpo sem órgãos*. Apresentação de Antônio Carlos Amorim. São Paulo: Editora Lumme, 2012.

LYGIA Clark. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1694/lygia-clark>>. Acesso em: 12 de Jan. 2018.